

A História que eu não devia contar¹

A minha irmã sorriu, o rosto iluminado pelas treze velas ao redor do bolo de aniversário.

— Sopra!

Encheu o peito de ar e apagou todas as chamas de uma assentada. Um coro desafinado, composto pelos nossos familiares e colegas de escola, cantarolou o «parabéns a você».

Exatamente sete minutos depois, a minha mãe acendeu de novo as velas.

— Agora é a tua vez, mano!

— Três, dois, um... — soprei com toda a força, enquanto os convivas bisavam os parabéns.

A Catarina e eu partilhámos durante nove meses o mesmo útero, e nascemos apenas intervalados por alguns minutos. Herdámos a telepatia dos gémeos: se um de nós se corta ao descascar uma maçã, o outro faz um lanho também; se regresso da escola angustiado, a Catarina sente uma irremediável vontade de chorar.

— Vocês são pão da mesma fornada! — diz-nos a mãe.

Um ano antes, tinha-nos proibido de tomarmos banho juntos. Fosse a nossa entrada na puberdade, fosse a desconfiança de que existia entre mim e Catarina um afeto proibido desde o início dos tempos, o certo é que eu e a mana víramos o nosso amor ameaçado. A mãe jamais percebera que nós éramos *yin* e *yian*, e que nada nos deveria separar.

Consequentemente, dissimulámos a nossa paixão, e só namorávamos durante a noite. Cada qual saía do seu quarto, pé ante pé, e encontrávamo-nos no consultório médico do pai, no andar térreo. Depressa o olhar se adaptava à semiobscuridade, e percebia os *posters* que forravam as paredes: diagramas médicos, o mapa da circulação e uma imagem do aparelho genital feminino — pintado em tons de laranja e rosa.

O nosso ritual obedecia a uma sequência precisa. A Catarina acendia uma vela com cheiro de alfazema; eu sentava-me à secretária do pai, pegava numa caneta e fingia tomar notas num boletim clínico. Em seguida, observava a mana, que despiu as roupas na minha frente, peça a peça. Primeiro, a camisa de noite tombava a seus pés; depois, tirava a roupa interior. Uma penugem fina cobria o seu corpo iluminado pelo halo da vela. A um canto, um esqueleto de riso espedado olhava-nos como um *voyeur*.

A uma ordem minha, a mana estendia-se no divã. Eu levantava-me, pendurava o estetoscópio ao pescoço e examinava-a, de olhos ora fitos no corpo que a adolescência

¹ Mancelos, João de. "A História que eu não Devia Contar"/"The story I shouldn't tell". Translated by John Elliott. *Onde a Terra Acaba: Contos Portugueses/From the Edge: Portuguese Short Stories*. Lisboa: CEAUL/101 Noites, 2006. 75-83/78-86.

torneava, ora na porta por onde o pai podia irromper a qualquer instante. Mais do que o acto de amor, o que nos excitava era aquela mistura de perigo e prazer.

No fim, a Catarina vestia-se, sem pressas, e colocava a questão habitual:

— Que tenho doutor?

— Uma infeção na alma.

— Tem cura?

Eu abanava a cabeça:

— Prognóstico reservado — e passava-lhe uma receita contra o incesto.

Depois de brincarmos aos médicos, beijávamo-nos uma última vez, antes de regressarmos aos quartos, muito sérios, numa pose que nos parecia ser a dos adultos. Tínhamos medo e sabíamos que este comportamento estava errado. A mana contou-me que rezava todas as noites para afastar de nós a perversidade. Pela minha parte, tentava compensar as nossas más ações fazendo toda a espécie de recados que a mãe ou o pai pediam. Mas isso não me fazia sentir melhor. Um dia sugeri-lhe:

— Vamos parar de fazer estas coisas, mana.

— Só mais uma vez, Alberto. Está bem?

Porém, nunca era a última. Cedíamos sempre aos desejos da carne, porque nos víamos como hemisférios de um mesmo globo: um não podia existir sem o outro. Para tanto, cada um tinha rituais particulares. A Catarina, por exemplo, gostava de se contemplar ao espelho, de esconder o cabelo atrás da curva do pescoço, numa trança, de se imaginar como o rapaz que eu era. Eu dava comigo a escanhoar a barba tão rente que o meu rosto — mais anguloso do que o da Catarina — se assemelhava ao dela.

Esta identificação estendia-se a todos os atos do nosso quotidiano: vestíamos-nos sempre de igual, cultivávamos as mesmas amizades, copiávamos aquilo que a genética não tinha assemelhado em nós.

— O nosso segredo, mano. Nunca o contaremos

— Nunca — assentia.

No entanto, com o tempo, em vez de brincarmos às escondidas, começámos a revelar alguns indícios da paixão. Só uma década depois percebi que essa necessidade se fundamentava no desejo de reconhecimento do nosso pecado. Começámos com pequenos gestos: caminhávamos de mãos dadas, ou trocávamos afagos breves — coisas aceitáveis entre irmãos, nada de escandaloso. Uma tarde, fomos mais longe. A Catarina pediu à Elisabete e à Sónia para se encontrarem connosco, atrás do ginásio. À hora marcada, as raparigas compareceram, curiosas.

— Vou mostrar-vos como eu e o mano brincamos um com o outro... — anunciou a

Catarina.

Para surpresa das raparigas, beijámo-nos. Primeiro, a língua dela traçou os meus lábios; depois, tocou-me os dentes; finalmente, entrou na minha boca. As colegas coraram, nervosas, indecisas entre sentirem embaraço ou lascívia. Terminada esta e outras transgressões, sentámo-nos em círculo sobre a erva.

— Que acham disto? — perguntou a mana.

A Sónia encolheu os ombros:

— É esquisito...

— Isto não é proibido, ou coisa assim? — inquiriu a Elisabete.

— Sim. Mas por que há de ser?

Não me recordo de ter ouvido resposta alguma.

O certo é que a culpa se tornava insuportável. A Catarina e eu desejávamos ser descobertos, expostos à humilhação e, por fim, punidos. Ao mesmo tempo, tínhamos medo, porque não sabíamos qual seria o castigo, e porque isso significaria o final do nosso amor. Vivíamos neste dilema.

— Não podemos continuar assim — dizia-lhe.

— Pois não, é errado.

— Mas não consigo parar, mana!

— Nem eu. É como se estivesse possessa.

— Achas que nos descobrirão?

— Talvez — suspirou.

Conscientemente, tornámo-nos mais descuidados. Deixávamos a porta do consultório aberta; acendíamos a luz do pequeno candeeiro; não abafávamos os gemidos durante o amor; e quase implorávamos pelos passos punitivos do nosso pai, descendo as escadas para o rés-do-chão.

Nos meus pesadelos, ele espancava a Catarina, sobre o divã, no consultório. Ao fundo, a mãe assistia a tudo, sem intervir. Por fim, a mãe levava a Catarina pela mão, enquanto o pai me conduzia, para me aplicar o mesmo castigo. Ambos deixávamos um rasto de sangue pelo chão.

Fartos de segredos, a mana e eu estabelecíamos metas cada vez mais ousadas para o nosso amor. No último dia de aulas, a seguir à nataçãõ, sugeri à mana um plano arriscado:

— Vamos para a piscina, depois de todos saírem, e nadamos nus.

— É perigoso, mano! Seremos apanhados, é quase certo...

— Por isso mesmo. Para acabar com isto.

A partir da sala da caldeira, entrámos sub-repticiamente no balneário das meninas. Existia ali um aroma a cloro, sangue e hormonas. Uma essência mantida nas gotículas de vapor

condensado que escorriam pelas paredes de azulejo.

— Podia fazer-se perfume disto, Catarina!

— Isto é perfume, mano.

— Diz-me: a nudez tem aroma?

— Claro. O medo, por exemplo, cheira a leite azedo. A pureza, a hortelã. O desejo, a terra depois da chuva.

Ocultámo-nos numa das cabinas de chuveiro e puxámos o cortinado de plástico. No nosso esconderijo, ouvíamos uma melopeia de ecos: gritos de miúdos, as boias carambolando, o chapão de um mergulhador. Com o passar do tempo, estas frases sonoras foram-se tornando mais raras e de uma sintaxe desconexa.

Alguns minutos depois, as alunas da natação invadiram os balneários. Afastando um pouco a cortina, víamos as raparigas do oitavo ano despirem o fato de banho, entrarem nos outros duches, ensaboarem-se, regressarem aos bancos de madeira, limparem-se e vestirem-se sem pressas. Tanto eu como a Catarina nos sentíamos excitados, ao sermos *voyeurs* desta dança de nudez.

Mais sons: risos, despedidas, cacifos de metal a serem fechados, passos a afastarem-se, o pingar dos chuveiros. O último ruído a dissolver-se no silêncio foi o do enorme interruptor apagando as luzes principais.

— Vem, mana. Está na hora.

— Tens a certeza de que já saíram todos?

— Penso que sim. Mas não interessa pois não? Só temos a ganhar se nos descobrirem.

De mãos dadas, saímos do balneário, cerzidos às sombras. Não se via viva alma. Fui ao quadro geral e acendi as lâmpadas submarinas, que iluminavam intervaladamente a piscina.

A Catarina experimentou a água com o pé.

— Mmm. Está morna...

— Mas não é do aquecimento, Catarina.

— Pois não. Eles desligaram-no.

Sabíamos que inúmeros corpos, ao longo do dia, tinham temperado a água.

Despimo-nos completamente. Empilhámos as roupas de ambos num único monte, na margem da piscina. Depois, fomos até à prancha de salto e mergulhámos. Decorreu apenas um minuto até nos habituarmos à temperatura pouco mais fria do que a do ar. Durante meia hora, nadámos em círculos, roçando o corpo um no outro. Nadámos abaixo da superfície, onde as luzes azuis revelavam partículas em turbilhão. Imaginei-as como a matéria placentária, mas sabia que mais não eram do que migalhas de cloro, e restos da pele dos nadadores.

— Sinto-me como um feto, Catarina!

Mergulhámos de novo. Imaginei-me no interior de uma bolsa materna, junto ao vulto da mana, um corpo embrionário com uma cabeça enorme. Dir-se-ia uma sereia, ou qualquer besta mítica — metade gente, metade peixe. O corpo dela ia mudando e o meu também, como se fôssemos um reflexo um do outro. Em seguida, um túnel escuro devolveu-me à terra. Recordo-me da luz do dia me ferir a vista. Lembro-me das primeiras vozes. Do ventre da nossa mãe lá em baixo. Do médico me levantar. Do choro puro da Catarina que nascera sete minutos antes.

Emergimos, a suplicar oxigénio.

— Dois minutos! Aposto que estivemos todo esse tempo debaixo de água, mana.

— Não. Três! Foram três! — gritou a Catarina.

— Ca-ta-ri-na! — bradei.

— Al-ber-to!

Bradámos outra e outra vez, até as reverberações sonoras se confundirem. Ca-al-ta-ber-ri-to-na. Aproximámo-nos e abraçámo-nos, como se nos quiséssemos fundir. Os dois corpos feitos um afundaram-se. Consumimos, pouco a pouco, o ar que nos restava nos pulmões. Depois, agitámos os pés e subimos. Quando emergimos, as luzes do teto da piscina estavam ligadas. Na margem, o guarda nocturno, um velhote, olhava-nos, incrédulo.

— Catarina? Alberto? Que se passa aqui? — deu alguns passos na nossa direção. — Mas vocês estão nus!

A partir daqui, o fio que conduz ao fim da história é emaranhado. Uma sucessão de acontecimentos que o inconsciente deliberadamente confunde para poupar a razão à dor. O vigilante fez queixa ao diretor; o diretor ameaçou-nos de expulsão e chamou os nossos pais; os pais coraram de vergonha e levaram-nos ao psicólogo escolar; o psicólogo quebrou o sigilo ao contar tudo à esposa, professora de inglês; a professora deixou que a história transpirasse para os nossos colegas; os colegas passaram a evitar-nos. Uma história sem fim de recriminações. Ninguém nos percebia. Tratavam-nos como se fôssemos duas pessoas diferentes, em vez de partes do mesmo indivíduo. Ca-al-ta-ber-ri-to-na, dissera o eco.

Já passou um mês desde o incidente na piscina. É noite de lua nova, e eu e a mana encontramos-nos em segredo no rés-do-chão da nossa casa. Tudo foi planificado com o maior cuidado durante a tarde de hoje.

— É agora ou nunca mais. Se um de nós fraquejar, o outro tem de lhe dar força, entendes, mana?

— Não te preocupes, não me vou abaixo.

Os degraus rangem sob os nossos passos, apesar de todas cautelas — e desta vez, *não* queremos ser descobertos. Subimos as escadas, devagar. Quando chegamos ao primeiro andar, encaminhamo-nos para o quarto dos pais. Como o chão do corredor é atapetado, podemos

mover-nos silenciosamente.

Abrimos a porta do quarto, devagar, e espreitamos. Os vultos dos pais estão adormecidos no leito de carvalho que já tinha pertencido aos avós. Lembro-me de, quando éramos pequenos, aguardarmos pacientemente que os pais se levantassem, para ocuparmos as suas posições, ainda mornas, na cama.

Pé ante pé, separamo-nos: a Catarina ajoelha-se junto da mãe; eu debruço-me ao pé do pai. Durante alguns instantes, rezamos por coragem.

— Estás pronta?

— Vamos a isto.

Com o menor ruído, puxamos dos facalhões da cozinha, previamente afiados. Erguemo-los; aproximámo-los dos pescoços dos pais; cortámo-los, num gesto rápido. O sangue esguicha. Eles estrebucham, como peixes na rede. Tentam gritar, mas é impossível, a garganta alagada de sangue.

Demoram algum tempo a morrer. A Catarina vira o rosto; eu, não. Os olhos da minha mãe, esbugalhados, incrédulos, fixam-me no último instante. Depois, todo o movimento cessa.

Arrastamos os corpos para fora do aposento: primeiro o pai, depois a mãe, deixando um rasto de sangue nos tapetes. Despimo-nos. E é naquela cama antiga, empapada de sangue, que eu e a minha irmã nos amamos para o mundo pela última vez.

The Story I Shouldn't Tell

My sister smiled, her face lit by the thirteen candles around the birthday cake.

'Blow!'

She took a deep breath and blew out all the flames in one go. A discordant choir, composed of our relatives and school friends, sang 'Happy Birthday'.

Exactly seven minutes later, my mother relit the candles.

'Now it's your turn, brother!'

'Three, two, one...' I blew as hard as I could, while the guests performed an encore of 'Happy Birthday'.

Catarina and I had shared the same womb for nine months, and we were born within only a few minutes of each other. We inherited the telepathy of twins: if one of us cuts their finger when peeling an apple, the other develops a gash too; if I come back home from school in distress, Catarina feels an uncontrollable urge to cry.

'You're both from the same batch!' Our mother tells us.

A year earlier, she had forbidden us from having a bath together. Whether it was our entering into puberty, or whether it was her suspicion that there was an affection between me and Catarina of the kind that has been forbidden since the beginning of time, there's no doubt that my sister and I had seen our love placed under threat. Our mother had never understood that we were *yin* and *yang*, and that nothing ought to separate us.

Consequently, we dissimulated our passion, and we only conducted our love affair during the night. We would each leave our rooms, on tiptoe, and would meet in our father's surgery on the ground floor. Our eyes quickly adapted to the semi-darkness, and we could make out the posters that lined the walls: medical diagrams, the circulation chart and a picture of the female genital organs – painted in shades of orange and pink.

Our ritual followed a precise sequence. Catarina would light a lavender-scented candle; I would sit at my father's desk, take hold of a pen and pretend to take notes on a medical record sheet. Next, I would watch my sister, who would take off her clothes in front of me, one by one. First, her nightdress would fall to her feet; then she would remove her underwear. A fine down covered her body, lit by the halo of the candle. In one corner, a skeleton with a fixed smile ogled us like a *voyeur*.

When I gave the order, my sister would stretch out on the couch. I would stand up, hang the stethoscope round my neck and examine her, my eyes fixed sometimes on the body that was being shaped by adolescence, sometimes on the door through which my father might burst at any moment. More than the act of love, what excited us was that mixture of danger and pleasure.

At the end, Catarina would get dressed, unhurriedly, and ask me the usual question:

‘What do I have, doctor?’

‘An infection of the soul.’

‘Can it be cured?’

I would shake my head:

‘Prognosis reserved,’ and I would write out a prescription against incest.

After playing doctors, we would kiss one last time, before going back to our rooms, very serious, with an attitude that seemed like that of two adults. We were scared and we knew that this behaviour was wrong. My sister told me that she prayed every night to drive this perversity away from us. For my own part, I would try to compensate for our bad deeds by performing whatever errands my mother or father might ask for. But this didn’t make me feel any better. One day, I suggested to her:

‘Let’s stop doing these things, Catarina.’

‘Just one more time, Alberto. All right?’

Yet, it never was the last time. We would always yield to the desires of the flesh, because we saw ourselves as two hemispheres from the same globe: one couldn’t exist without the other. To this end, we each had our own particular rituals. Catarina, for example, liked to look at herself in the mirror, hide her hair behind the curve of her neck, in a plait, and imagine herself to be the boy that I was. I would find myself shaving so closely that my face – more angular than Catarina’s – began to resemble hers.

This identification extended into all of our daily acts: we would always dress the same, cultivate the same friendships, copy whatever genetics had not made similar in us.

‘It’s our secret, Alberto. We’ll never tell anyone.’

‘Never.’ I agreed.

However, over time, instead of continuing to play hide and seek, we began to reveal some signs of our passion. Only ten years later did I understand that this need was based on the desire that our sin would be recognised. We began with small gestures: we would walk hand in hand, or we would exchange brief caresses – the sort of thing that was acceptable between brother and sister, nothing scandalous. One afternoon, we went further. Catarina asked Elisabete and Sonia to meet us behind the gym. The girls turned up at the appointed time, curious.

‘I’ll show you how my brother and I play with each other...’ Catarina announced.

To the girls’ surprise, we kissed each other. First, her tongue traced the outline of my lips; then it touched my teeth; finally, it entered my mouth. Her classmates blushed, nervous, unsure whether to feel embarrassment or lust. Having finished this and other transgressions,

we sat in a circle on the grass.

‘What do you think of this?’ My sister asked.

Sonia shrugged:

‘It’s weird...’

‘Isn’t it forbidden, or something?’ Elisabete asked.

‘Yes. But why should it be?’

I don’t remember hearing any answer.

What’s certain is that the guilt was becoming unbearable. Catarina and I wanted to be discovered, exposed to humiliation and, finally, punished. At the same time, we were scared, because we didn’t know what the punishment would be, and because this would mean the end of our love. We lived under this dilemma.

‘We can’t go on like this,’ I used to tell her.

‘No, of course not, it’s wrong.’

‘But I can’t stop!’

‘Nor can I. I feel like I’m possessed.’

‘Do you think we’ll be discovered?’

‘Maybe,’ she sighed.

We deliberately became more careless. We would leave the surgery door open; turn on the light of the small table-lamp; not stifle our groans during our lovemaking; and we would almost beg to hear the steps of our punishing father coming down the stairs to the ground floor.

In my nightmares, he would beat Catarina, on the couch, in the surgery. Standing in the background, my mother would watch everything, without interfering. Finally, she would take Catarina by the hand, while my father would lead me away in order to administer the same punishment to me. We would both leave a trail of blood on the floor.

Fed up with keeping secrets, my sister and I set ever bolder targets for our lovemaking. On the last day of classes, after swimming, I suggested a rather daring plan to my sister:

‘Let’s go to the pool, after everyone’s left, and swim naked.’

‘That’s dangerous! We’re almost bound to get caught...’

‘That’s exactly why. So we can put an end to all this.’

From the boiler room we surreptitiously entered the girls’ changing room. There was a smell of chlorine, blood and hormones in there. An essence stored in the droplets of condensed steam that trickled down the tiled walls.

‘You could make a perfume out of this, Catarina!’

‘This *is* perfume.’

‘Tell me: does nudity have an aroma?’

‘Of course it does. Fear, for example, smells of sour milk. Purity smells of mint. And desire has the scent of the earth after it’s been raining.’

We hid in one of the shower cubicles and drew the plastic curtain. In our hiding place, we could hear the monotonous tune of echoes: children shouting, floats cannoning against one another, the splash of a diver. As the time passed, these phrases of sound became rarer and developed their own disjointed syntax.

Some minutes later, the girls from the swimming lesson swept into the changing rooms. Pulling the curtain slightly open, we saw the third-year girls taking off their swimsuits, getting into the other showers, covering themselves in soap, returning to the wooden benches, drying themselves and getting dressed leisurely. Both I and Catarina felt excited by being *voyeurs* in this dance of nudity.

More sounds: laughter, farewells, metal lockers being closed, footsteps walking away, the water dripping from the showers. The last sound to fade into the silence was that of the enormous switch turning off the main lights.

‘Come on, Catarina. It’s time.’

‘Are you sure they’ve all gone?’

‘I think so. But it doesn’t matter, does it? We only stand to gain if we’re discovered.’

Hand in hand, we left the changing room, blending seamlessly into the shadows. Not a soul to be seen. I went to the switchboard and turned on the underwater lights, which lit the pool at intervals.

Catarina tested the water with her foot.

‘Mmm. It’s warm...’

‘But that’s not coming from the heating, Catarina.’

‘Of course not. They’ve turned it off.’

We knew that during the day countless bodies had tempered the water.

We stripped naked. We piled both sets of clothes into a single heap, by the side of the pool. Then we climbed up onto the board and dived in. It only took a minute for us to get used to the temperature, slightly colder than that of the air. For half an hour, we swam around in circles, our bodies rubbing against one another. We swam below the surface, where the blue lights revealed particles in a whirl. I imagined them as the placental matter, but I knew that they were nothing more than crumbs of chlorine and the remains of the swimmers’ skin.

‘I feel like a foetus, Catarina!’

We dived under again. I imagined myself inside a maternal pouch, next to the bulk of my sister, an embryonic body with an enormous head. Like a mermaid, or some mythical beast

human, half fish. Her body was changing and so was mine, as if we were a reflection of one another. Next, a dark tunnel returned me to the earth. I recall the daylight hurting my eyes. I remember the first voices. Our mother's womb down there. The doctor lifting me up. The pure crying of Catarina born seven minutes before me.

We emerged, gasping for oxygen.

'Two minutes! I bet we've been all that time under water, Catarina.'

'No. Three! It's been three!' She shouted.

'Ca-ta-ri-na!' I screamed.

'Al-ber-to!'

We screamed over and over again, until the echoes mixed together. Ca-al-ta-ber-ri-to-na. We moved closer and embraced, as if we wanted to fuse together. Our two bodies made into one sank. We gradually used up the air that was left in our lungs. Then we wiggled our feet and came up. When we emerged, the ceiling lights were on. At the side of the pool was the night watchman, an old man, looking at us, incredulous.

'Catarina? Alberto? What's going on here?' He took some steps towards us. 'But you're naked!'

From now on, the thread that leads to the end of the story becomes rather tangled. A succession of events that the subconscious deliberately confuses in order to spare our minds from feeling the pain. The guard reported us to the manager; the manager threatened to expel us and called our parents; our parents blushed with shame and took us to the school psychologist; the psychologist broke the code of secrecy by telling everything to his wife, an English teacher; the teacher leaked the story to our classmates; our classmates began to avoid us. An unending story of recriminations. No one understood us. They treated us as if we were two different people, instead of parts of the same individual. Ca-al-ta-ber-ri-to-na, the echo had said.

It's been a month since the episode at the pool. It's a full moon tonight and my sister and I are meeting in secret on the ground floor of our house. Everything was planned very carefully this afternoon.

'It's now or never. If one of us weakens, the other has to give them strength. Do you understand, Catarina?'

'Don't worry, I won't fail.'

The steps creak under our feet, despite all our precautions – and this time, we do *not* want to be discovered. We climb the stairs slowly. When we reach the first floor, we make our way towards our parents' room. As the floor of the corridor is carpeted, we can move in silence.

We open the door of the room slowly and peek inside. The bodies of our parents are asleep in the oak bed that once belonged to our grandparents. I remember how, when we were

little, we waited patiently for our parents to get up, so that we could occupy their places, still warm, in the bed.

On tiptoes, we separate: Catarina kneels beside her mother; I bend down next to my father. For a few brief moments, we pray for courage.

'Are you ready?' I ask her

'Let's do it.'

With as little noise as possible, we pull out the carving knives from the kitchen, already sharpened. We raise them up; bring them down over our parents' necks; slit them in one rapid stroke. The blood gushes. They writhe, like fish caught in a net. They try to shout, but it's impossible, their throats are flooded with blood.

They take some time dying. Catarina turns her face away; I don't. My mother's eyes, bulging, incredulous, stare at me at the last moment. And then all movement ceases.

We drag the bodies out of the room: first my father, then my mother, leaving a trail of blood on the carpets. We take off our clothes. And it is in that old bed, soaked in blood, that my sister and I make love for the very last time.